de plantio e na utilização de insumos modernos. Era previsível que a agricultura fechasse o ano civil de 1998 com números bastante desfavoráveis.

Sinais de melhora

As expectativas para a agricultura começaram a melhorar a partir do segundo semestre de 1998, com uma reversão dos indicadores negativos observados no início do ano. Em setembro e outubro daquele ano, os preços de importantes produtos agrícolas como café, soja, laranja e milho começaram a reagir e o governo anunciou maior disponibilidade de recursos para financiar a safra de verão do Centro-Sul.

Essa reversão nas expectativas resultou em aumentos nas áreas cultivadas e também na utilização de insumos, propiciando uma excelente colheita de grãos em 1999 (82,4 milhões de toneladas, segundo dados do IBGE). A recuperação elevou o nível de emprego agrícola, embora ainda abaixo do observado em 1997.

Diferenças regionais

As estimativas da demanda de força de trabalho das culturas indicam que o impacto dos problemas ocorridos na agricultura brasileira foi diferenciado por região.

Os maiores impactos foram verificados na região Nordeste, cuja área cultivada com lavouras sofreu redução de 31,3% entre 1997 e 1998 em decorrência dos problemas climáticos (seca). Embora a área de lavouras nordestina tenha crescido novamente em 1999 (12,9%), o resultado final para o triênio foi uma queda de 22,4%.

Apesar do excesso de chuvas no mesmo período nas regiões Sudeste e Sul, não se verificou nenhuma queda dessa magnitude nas áreas cultivadas das principais culturas nessas regiões.

Pode-se perceber que a redução nas áreas cultivadas do Nordeste puxou para baixo a demanda de força de trabalho no Brasil, dada a importância da região no emprego agrícola (gráfico). No balanço do triênio, houve uma redução geral para o Brasil de 8,6% na demanda de força de trabalho, sendo a maior queda a do Nordeste, com uma diminuição de 25,3%. Outra queda foi detectada na região Sul, com o declínio da área cultivada em decorrência dos problemas enfrentados pelas culturas do trigo e do milho.

O bom desempenho da região Norte foi determinado pela recuperação de culturas tradicionais importantes (juta, guaraná e pimenta-do-reino) e pela expansão do café no estado de Rondônia, que atualmente é um dos principais produtores nacionais.

O crescimento da demanda no Centro-Oeste deveu-se, principalmente, à expansão das culturas de algodão e soja. A cultura do algodão está recebendo fortes incentivos do governo do Mato Grosso, de tal forma que atualmente o estado é um dos maiores produtores brasileiros.

O aumento da demanda de mão-de-obra no Sudeste pode ser creditado, em boa medida, ao bom desempenho da cultura do café, pois três dos principais estados produtores (Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo) estão nessa região.

Walter Belik é professor do Instituto de Economia da Unicamp; Otavio Valentim Balsadi é analista da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade).

*A série toda do *Sensor Rural*, com 10 números publicados desde novembro de 1996, pode ser consultada na *home page* da Fundação Seade (www.seade.gov.br).

Recursos Humanos

Tudo para dar certo

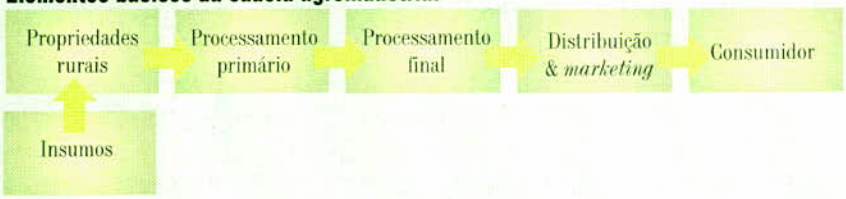
Renovado, o agronegócio brasileiro precisa de recursos humanos à altura de sua potencialidade

CARLOS ANTONIO MOREIRA LEITE

Não é novidade que o agronegócio brasileiro, a cada ano, vem conquistando o maior valor agregado. As cifras das estatísticas oficiais demonstraram, no ano passado, uma contribuição líquida do agronegócio para o balanço de pagamentos da ordem de US$13,5 bilhões. Para 2000, espera-se alcançar entre US$15 e US$16 bilhões.

As opiniões sobre o desenvolvimento do agronegócio brasileiro em artigos científicos, jornais e revistas são encorajadoras. E o que é melhor: segundo grandes empresários, a preocupação com a qualidade dos produtos domésticos é uma promessa firme de que conseguiremos atingir os mercados mais exigentes do mundo.

Elementos básicos da cadeia agroindustrial



Cadeia agroindustrial

É óbvio que o produto final para o consumidor é resultado da interação dos vários agentes da cadeia produtiva. A cada dia a qualidade ocupa maior espaço nas funções de utilidade dos consumidores.

As drásticas mudanças que presenciamos em todas as sociedades estão representadas nos fantásticos avanços da comunicação, do transporte e das tecnologias de produção, o que vem criar novas oportunidades para os produtores e novos agronegócios para as comunidades rurais.

Essas mudanças pressionam as cadeias agropecuárias em direção a patamares mais eficientes e mais difíceis de atingir. Em primeiro lugar, na sociedade globalizada não haverá reserva de mercados; todos os mercados passarão a competir de maneira imperfeita e até os nichos e consumidores tradicionais terão menos lealdade às marcas, passando para produtos de qualidade certificada, semelhantes ou melhores. Em segundo lugar, o diferencial de preços ocupará papel de destaque nos contratos, que ficarão mais volumosos e terão entrega programada nos moldes *just in time*.

Novas tecnologias

As mudanças que se consolidam no setor industrial de todo o mundo já começam a alterar as engrenagens do agronegócio brasileiro. Por isso é primordial que elas sejam implementadas de maneira que nada se perca em toda a cadeia. São bilhões de dólares de produtos e serviços da economia brasileira que ficam na berlinda. A agilidade de resposta do mercado financeiro e do setor produtor de matérias-primas é indispensável para suportar as mudanças promovidas pelas novas engrenagens.

Mas é preciso investir em duas áreas que requerem algum tempo de ajustamento, se quisermos garantir elos fortes nas cadeias produtivas: a formação de pesquisadores e gestores do agronegócio.

Há uma expressiva demanda de pesquisadores para o agronegócio brasileiro. Todas as áreas da ciência associadas ao agronegócio carecem de tecnologia, desde os aspectos biológicos simples até a oferta de *softwares* de controle da cadeia e interface com outras cadeias produtivas.



A formação de pesquisadores no Brasil tem sido responsabilidade quase exclusiva do governo. A corrida pelo poder da ciência também precisa do apoio do setor privado, seu primeiro beneficiário. Requerido para o novo agronegócio, o pesquisador deverá ter formação holística, entender os processos envolvidos e a necessidade premente de operar com custos mínimos e apresentar respostas em tempo recorde.

Gestão inovadora

Empreendedor dinâmico, o gestor para o novo agronegócio deverá apresentar características bem distintas dos atuais profissionais no mercado. Precisa apreender o agronegócio como um todo e flexibilizar as fronteiras de sua atuação, buscando constantemente novos mercados.

Uma das primeiras iniciativas para a formação desse profissional se deu na Universidade Federal de Viçosa, que já formou centenas de profissionais para o agronegócio; criou inúmeras variedades de produtos (café, soja, tomate, milho etc.), tecnologias reconhecidamente importantes e investe hoje na formação de profissionais em gestão do agronegócio.

As drásticas mudanças que presenciamos em todas as sociedades estão representadas nos fantásticos avanços da comunicação, do transporte e das tecnologias de produção, criando novas oportunidades para os produtores e novos agronegócios para as comunidades rurais.

A formação desse profissional inclui sólidos conhecimentos de micro e macroeconomia, administração de empresas, informática, pesquisa operacional, gestão da qualidade, *marketing* etc. Deve também conhecer suficientemente as cadeias produtivas para que possa atuar em qualquer de seus segmentos, além de estar preparado para avançar em estudos de pós-graduação e atuar em pesquisa do agronegócio.

Há oportunidades de treinamento em agronegócio nos diversos centros de economia e economia rural no Brasil. O momento é propício para avaliar o treinamento tradicional e as novas demandas das cadeias agroindustriais, renovando a dinâmica do agronegócio brasileiro.

Ao setor privado – produtores de insumos e serviços, industriais, exportadores, cadeias varejistas – compete abraçar a parceria no investimento e na formação de pesquisadores e gestores do agronegócio. Há muitos anos essa parceria está formada nos países desenvolvidos.

A formação de recursos humanos não se limita à pós-graduação, mas traduz uma oportunidade de conquista de eficiência de todo o agronegócio: maior competitividade e ampliação da geração de empregos, desde trabalhadores analfabetos até pesquisadores científicos; aumento da renda interna e contribuição cada vez maior para o balanço de pagamentos do país.

Carlos Antonio Moreira Leite é professor titular da Universidade Federal de Viçosa, coordenador do curso Gestão do Agronegócio. E-mail: caml@mail.ufv.br